

Festa de Santa Bárbara e Iansã: os baianos entre fronteiras tênues e complementação de crenças

Edilece Souza Couto ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i31.41541>

Resumo: A abertura do calendário das festas religiosas do verão de Salvador acontece em 4 de dezembro, dia de Santa Bárbara, para os católicos, e também de Iansã, para os adeptos das religiões afro-brasileiras. A festa, iniciada no século XVII, apesar de compor o calendário oficial da Igreja Católica, sempre teve fronteiras tênues entre o sagrado e o profano e um hibridismo entre práticas e objetos rituais do catolicismo e das religiões de matriz africana. A proposta desse artigo é apresentar os elementos das diferentes religiões que compõem a festa e discutir de que forma eles se unem numa complementação de crenças.

Palavras-chave: Festas religiosas; Santa Bárbara e Iansã; catolicismo; religiões afro-brasileiras; Salvador-BA-Brasil

Santa Bárbara and Iansa: Bahia people between tenuous frontiers and complementation of beliefs

Abstract: The opening of the calendar of summer religious festivals in Salvador takes place on December 4th, which is Santa Barbara's Day for Catholics, and Iansa's Day for adepts of African-Brazilian religions. The festival, which dates back to the 17th century, despite being part of the official calendar of the Catholic Church, has always shown tenuous frontiers between the sacred and the profane, besides evidencing some hybridity of ritualistic practices and objects of both Catholicism and African matrix religions. This paper proposes to present the elements of different religions composing the festival and discuss the way in which they blend in a kind of complementation of beliefs.

Keywords: Religious festivals; Santa Barbara and Iansa; Catholicism; African-Brazilian religions; Salvador-BA-Brasil.

¹ Pós-Doc (07/2016-06/2017) no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, supervisionado pela Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade; doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Assis-SP; professora do departamento de História da Universidade Federal da Bahia – UFBA. edilece@ufba.br

Fiesta de Santa Bárbara y Iansã: Los bahianos entre las fronteras tenues y la complementación de las creencias

Resumen: La apertura del calendario de las fiestas religiosas de verano en Salvador se celebra el 4 de diciembre, día de Santa Bárbara, para los católicos, y también Iansã, para los adeptos de las religiones afro-brasileras. La fiesta, iniciada en el siglo XVII, a pesar de formar parte del calendario oficial de la iglesia católica, siempre tuvo fronteras tenues entre lo sagrado y lo profano, y también un hibridismo de prácticas y objetos de ritual del catolicismo y de las religiones de matriz africana. La propuesta de este artículo es presentar los elementos de las diferentes religiones que componen la fiesta y discutir sobre cómo se unen en una complementación de creencias.

Palabras clave: Fiestas religiosas; Santa Bárbara e Iansã; catolicismo; religiones afro-brasileras; Salvador-BA-Brasil

Recebido em 01/02/2018 - Aprovado em 06/03/2018

Bárbara e Iansã

A santa católica, Bárbara, e o orixá africano feminino, Iansã ou Oiá, são as duas homenageadas na festa de 4 de dezembro em Salvador – Bahia. São duas entidades reverenciadas em diferentes religiões. A primeira é uma santa do catolicismo e a segunda é cultuada no candomblé e na umbanda. Mas, o que leva os devotos a festeja-las na mesma data e no mesmo espaço? Quais os traços comuns e as peculiaridades entre elas? Existem fronteiras bem definidas entre os cultos a elas dedicados?

A hagiografia registrou o nascimento de Bárbara na Nicomédia, no século III, filha de pais não cristãos. Em sua mocidade abraçou o cristianismo, para desgosto do pai, que resolveu trancafiá-la numa torre. Porém, esse ato paterno não a impediu de manter sua crença no deus único e em seu filho Jesus Cristo. Além de encarcerada, acredita-se que ela foi também torturada, condenada à morte, obrigada a se despir e percorrer as ruas sob os insultos da multidão. O golpe final de uma espada foi deferido pelo próprio pai, sendo ele, em seguida, fulminado por um raio no meio do temporal (LEHMANN, 1935).

Essa legenda ajudou a caracterizar a santa. Ela é representada sempre com os símbolos do seu martírio: a torre e a espada. A torre aparece ao lado dela ou no formato de sua coroa. Na mão direita ela traz uma espada e na esquerda, um cálice, símbolo do Cristianismo. O fato do pai ter sido morto por um raio faz crer que Bárbara tem o poder de controlar as tempestades e proteger seus fiéis dos raios e trovões. Além disso, a santa é invocada nas fortalezas para proteger o paiol de pólvora e contra o fogo. Por isso, ela é também padroeira de militares e bombeiros.

Iansã é o orixá do rio Níger e do fogo, controla os ventos, os raios e as tempestades. Foi a primeira esposa de Xangô, o senhor do trovão, e dele roubou o poder

de controlar o fogo. Conta a lenda que Xangô ordenou que Iansã fosse buscar um líquido numa terra distante. Ela estava proibida de abrir o recipiente, mas não conseguiu conter a curiosidade e o desejo de se tornar tão forte quanto o marido. Ainda no caminho, ingeriu o líquido e passou também a lançar fogo pelo nariz e pela boca (VERGER, 1997). Quando representada por imagem ou quando incorporada, o filho ou a filha de santo, carrega uma espada.

Portanto, a única característica em comum de Santa Bárbara e Iansã é o poder sob as intempéries. São as senhoras do vento, trovões e raios. As cores da indumentária das duas também são as mesmas: vermelho e branco. O culto a Santa Bárbara foi implantado na Bahia pelos colonizadores portugueses nos mercados. Não construíram igrejas específicas para a sua devoção. Já o culto de Iansã chegou com os escravos nagôs.

Em Salvador, apesar da falta de incentivo por parte da hierarquia eclesial, a devoção à mártir, iniciada pelos portugueses fundadores do Mercado de Santa Bárbara e dos seus trabalhadores, ganhou as ruas e atraiu também os africanos e seus descendentes que cultuavam o orixá. Assim, Bárbara e Iansã são cultuadas no mesmo dia, 04 de dezembro. Os devotos se encontram no Pelourinho para homenagear as duas entidades. Os cantos, louvores, preces, pedidos, símbolos e alimentos rituais do catolicismo e das religiões afro-brasileiras ocupam o mesmo espaço numa complementação de crenças.

A festa e suas temporalidades

Nos limites desse artigo, não tenho a intenção de reconstruir o histórico da Festa de Santa Bárbara em sua longa temporalidade de mais de trezentos anos, mas, apenas pontuar alguns momentos de mudanças, ocorridas principalmente a partir da segunda metade do século XX, pois, nesse período é possível, por meio das fontes impressas, sobretudo da imprensa, e da minha observação participante, identificar os deslocamentos espaciais da devoção e festividade e a visibilidade e repercussão da presença de elementos de diferentes religiões e da multiplicidade de práticas.

A festa teve início no século XVII, no Mercado de Santa Bárbara, na cidade baixa, zona portuária de Salvador. Sempre foi organizada e realizada pelos devotos, sobretudo pelos trabalhadores do mercado de secos e molhados, sem a presença de irmandade e interferência da Igreja Católica. No dia 04 de dezembro, os fiéis, em procissão, levavam a imagem da santa até uma igreja, geralmente a Igreja do Corpo Santo ou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, onde era celebrada uma missa. Por volta de 1912, com a decadência do antigo mercado e a implantação de um novo com o mesmo nome e invocação na Baixa dos Sapateiros, cidade alta, a imagem e a festa passaram a ocupar novo espaço (COUTO, 2010).

Na manhã do dia festivo, uma procissão percorria as principais ruas da Baixa dos Sapateiros e centro. A programação da festa de 1912, publicada no *Diário de Notícias*, informa que o cortejo sairia do mercado, localizado na Rua J. J. Seabra, subiria a Ladeira do Aquidabã, percorreria as ruas dos Marchantes e Cruz do Pascoal, seguiria pela Ladeira do Carmo até a Rua do Paço, em cuja igreja de mesmo nome seria celebrada a missa. Finalizada a liturgia, as imagens dos padroeiros de diversas irmandades: Nossa Senhora da Guia, Santo Antônio, São Cosme e São Damião, São Sebastião, São Jerônimo, São Lázaro, São Roque, São Miguel Arcanjo, junto com a anfitriã Santa Bárbara e os fiéis, retornariam ao mercado, onde haveria queima de fogos, banda de música e fogos (Festas..., 1912, p.2).

Os jornais e os folcloristas ressaltam que, após a procissão, havia música e dança e banquete no Mercado de Santa Bárbara. Informam que a bebida principal era o aluá (de origem africana, feito com cascas de frutas, gengibre e milho fermentado), porém, não dão detalhes do que se comia. Portanto, é difícil determinar a data do início da distribuição do caruru, comida presente na festa até os dias atuais. A primeira notícia é de que três mulheres, Bibiana, Luzia e Pinda, em 1912, prepararam os quitutes que formam o famoso prato afro-baiano (FÉLIX, 1968). O prato oferecido aos participantes da festa geralmente contém vatapá (feito com pão ou farinha, caldo de peixe, camarão seco e dendê), acarajé (ou acará, na língua ioruba significa fogo, e acarajé, comer fogo, do *acará* (fogo), *ajeum* (comer), originado do Benim – África, é alimento ritual de Xangô, Iansã, Obá e Erês), caruru (feito de quiabo) e xinxim (frango cozido no azeite de dendê).

Só a partir da década 1950 é que os jornais começaram a noticiar a festa com mais frequência e riqueza de detalhes. São também dessa época as primeiras associações entre Santa Bárbara e Iansã nos textos, como demonstra o recorte a seguir:

Dia de Santa Bárbara

O dia de hoje, marca a folhinha, é consagrado à Santa Bárbara, cuja devoção, entre nós, reponta desde os tempos da colonização. De acordo com a tradição, fruto da influência da religião católica de seitas afro-brasileiras, Santa Bárbara foi identificada como Iansã, a deusa da trovoadas, que comanda as forças dos elementos, faz chover e protege seus devotos (DIA..., 1950, p.2).

Mudança significativa aconteceu na década 1980. O Mercado de Santa Bárbara, da Baixa dos Sapateiros, encontrava-se em declínio. Com apenas três boxes em funcionamento, sendo que anteriormente eram quarenta, não havia ânimo e recursos por

parte dos comerciantes para festejar a padroeira. Assim, em 1987, a imagem de Santa Bárbara foi transladada para a Igreja da Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, mais conhecida por Irmandade dos Homens Pretos.

As atividades da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário às Portas do Carmo tiveram início no século XVIII, sendo o primeiro compromisso de 1781. Em 1900, a irmandade se tornou Ordem Terceira (FARIAS, 1997). A associação leiga promove o culto de santos com os quais a população afrodescendente têm afinidades, como Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito e Santo Antônio do Categeró. Dessa forma, adotaram mais uma devoção da população, em grande parte de baixa renda (pequenos comerciantes e trabalhadores dos mercados), afrodescendente e ligada às religiões afro-brasileiras, que corria o risco de desaparecer. A imagem de Santa Bárbara permaneceu na mesma igreja, apesar da revitalização e reabertura do mercado em 1997.

Assim, os irmãos do Rosário tomaram para si a responsabilidade de fazer a Festa de Santa Bárbara. A partir de então, a missa é celebrada pelo padre da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Do mesmo templo saem os andores para a procissão que tem como percurso: Largo do Pelourinho, Rua Gregório de Matos, Rua Maciel de Cima, Terreiro de Jesus, Praça da Sé, Rua da Misericórdia, Praça Municipal, Ladeira da Praça, Baixa dos Sapateiros (do Corpo de Bombeiros ao Mercado de Santa Bárbara) e retorno para a Igreja da Ordem Terceira do Rosário dos Pretos. Em 2008, a Festa de Santa Bárbara foi registrada como patrimônio imaterial da Bahia pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC (COUTO, 2012).

A festa e sua multiplicidade de elementos e práticas

Nas últimas décadas, a festa de Santa Bárbara ganhou maior visibilidade midiática. Não é feriado em Salvador, mas o centro histórico, se transforma. É possível perceber a mudança por intermédio das cores que ornamentam o Pelourinho no dia 4 de dezembro. Dos ônibus, do Elevador Lacerda, ou de pequenos grupos de caminhantes, se destacam as roupas em vermelho e branco. Há uma cumplicidade nos olhares e sorrisos. Não é preciso dizer para onde se vai. Todos sabem que, naquele dia, têm o mesmo destino: as ruas estreitas de calçamento irregular que dão acesso ao Largo do Pelourinho.

As ruas também são ornamentadas para louvar Santa Bárbara e Iansã. Das janelas e sacadas dos antigos casarões pendem estandartes, tecidos, faixas e fitas em vermelho e branco. Pequenos altares, com imagens da santa, de algum outro santo de devoção e do orixá, vasos de rosas vermelhas e brancas e acarajés, são montados nas janelas por todo o percurso da procissão.

A Igreja da Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo está aberta e é o espaço de acolhida dos devotos, que formam fila da porta ao altar, para

rezar, agradecer e se prostrar diante da imagem da mártir. No templo são preparados e guardados os andores dos santos que sairão em procissão. Mas a missa é realizada em um palco montado no largo. Impossível acolher a multidão na igreja.

Ouve-se o espocar dos foguetes e os tambores, cuidadosamente colocados no palco/altar tocam para anunciar o início da celebração. Entoam-se cânticos em louvor da santa:

Santa Bárbara,
Luz divina,
Filha da Virgem Maria.
Os devotos de Santa Bárbara
No mundo tem grande alegria!

Ou

Bárbara guerreira,
Rainha dos astros,
Dona dos trovões,
Rainha das trovoadas!

As músicas são católicas, mas o som dos atabaques dão um ritmo afro-brasileiro, que lembra os terreiros, as festas e os ritos em louvor dos orixás. E embalados por esse som, os fiéis saúdam a mártir: Viva Santa Bárbara!, e o orixá: Epahey, Iansã! Por vezes, o padre, num tom calmo, mas firme, reclama: “Quero ouvir Viva Santa Bárbara! Os gritos para Iansã estão mais altos, hein!” Mas, quem é capaz de conter tamanha exteriorização de fé e devoção?

É chegado o momento do ofertório. Um pequeno cortejo dos membros da Ordem Terceira, sai da igreja em direção ao palco/altar. Os homens vestem vermelho e branco e levam a imagem da santa estampada nas camisas. Já as mulheres estão, quase sempre, vestidas com roupas africanas: saias rodadas e blusas bordadas, turbantes nas cabeças. O uso de guias (colares de contas consagradas) em vermelho e branco demonstra a vinculação com o orixá. Anéis e pulseiras completam os adornos. Trazem nas mãos os objetos rituais da transubstanciação: cálices e pequenas jarras com água e vinho. Em seguida, alimentos, frutos do trabalho e da consagração: uvas, pão e acarajés.

Acarajé é o alimento ritual de Iansã. Os bolinhos distribuídos na festa são um pouco diferentes dos vendidos nos tabuleiros. Estes são grandes e recheados de pimenta (a gosto do freguês), vatapá, salada de tomate, camarão e, por vezes, caruru. Aqueles são

pequenos, sem nenhum recheio, e preparados com a finalidade de pagar promessa, agradecer pelas vendas, ou renovar os laços identitários com o orixá.

A distribuição dos acarajés aos fiéis acontece em diversos momentos. Pode ser nas ruas laterais de acesso ao Largo do Pelourinho, nas proximidades do palco/altar e durante a missa. As mulheres trazem os acarajés em cestos de palha, forrados com pano e enfeitados com flores vermelhas. Por cima, para cobri-los, um guardanapo de tule vermelho. Quando o pano é retirado, os fiéis próximos sabem que podem pegar os bolinhos e degusta-los. É impossível determinar o início desse costume. Porém, o ato já foi motivo de discussões. Em 2011 ganhou destaque na imprensa e envolveu a arquidiocese na polêmica, afinal era o início da atuação de um novo arcebispo de Salvador e primaz do Brasil.

Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, nascido em Brusques – Santa Catarina em 19 de setembro de 1943, entre os anos de 1964 a 1972 estudou Filosofia na cidade natal, Teologia em Taubaté – SP e Letras em São Paulo – SP, ingressou na Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus - SCJ e foi ordenado padre em Brusques, em 07 de dezembro de 1969. Entre 1974 e 1979 foi reitor do Instituto Teológico do SCJ. Nos anos 1980 estudou em Roma, foi superior provincial da sua congregação, em 1985 ordenado bispo e nomeado, pelo papa João Paulo II, para assumir a função de bispo auxiliar de Florianópolis – SC. Foi nomeado bispo de Ponta Grossa – PR, em 1991, e arcebispo de Maringá-PR, em 1997, e arcebispo de Florianópolis-SC, em 2002. Em janeiro de 2011, foi nomeado arcebispo de Salvador e primaz do Brasil pelo papa Bento XVI, e tomou posse em 25 de março de 2011, em substituição a dom Geraldo Majella Agnelo (ARQUIDIOCESE..., s/d).

A chegada do novo arcebispo foi cheia de expectativas. A maioria dos católicos não tinha conhecimento da biografia, carreira eclesial e perfil de dom Murilo Krieger. Porém, os leigos sabiam que era um bispo do Sul do país. Essa informação gerava ansiedade e a pergunta mais frequente era como ele lidaria com a multiplicidade de crenças e práticas religiosas dos baianos. A curiosidade em relação à postura do arcebispo aumentou com a proximidade do calendário das festas religiosas do verão, originadas no catolicismo, mas também com elementos e práticas das crenças afro-brasileiras.

Os arcebispos de Salvador não demonstravam interesse pela festa de Santa Bárbara. O clero só marcava presença na festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Bahia, no dia 08 de dezembro. Entretanto, no domingo de 04 de dezembro de 2011, dom Murilo Krieger aceitou o convite da Ordem Terceira do Rosário e celebrou a missa em honra de Santa Bárbara. Tudo indicava normalidade nos festejos até que os jornais repetiram a mesma notícia de que o arcebispo celebrou a missa e, durante a comunhão, foram distribuídos hóstias e acarajés aos fiéis. A matéria do *site terramagazine*, intitulada

“Arcebispo da Bahia faz missa com hóstia, acarajés e atabaques”, e assinada pela jornalista Maria Olívia Soares, teve o seguinte trecho repetido em outros sítios da internet e jornais:

Pela primeira vez, em 30 anos, um arcebispo-primaz do Brasil celebra a missa campal em homenagem a Santa Bárbara. Dom Murilo Krieger presidiu a solenidade no Largo do Pelourinho, onde foi distribuída ao mesmo tempo hóstia e acarajé, que no candomblé é chamado de acará, ou seja, a comida ofertada a Yansã. Ato que emocionou até os que não têm fé. A benção aos fiéis ocorreu com folhas molhadas em água benta (SOARES, 2011, p.1).

A festa de Santa Bárbara tem, desde a sua origem, uma forte presença da população afrodescendente e de muitos adeptos do candomblé e, a partir do século XX, da umbanda. Portanto, elementos e rituais das religiões afro-brasileiras e do catolicismo estão presentes há muitas décadas. Como exposto acima, a imprensa, desde os anos 1950, destaca essa multiplicidade de práticas. Não é possível determinar em que momento as vendedoras de acarajés começaram a distribuí-los durante as homenagens a mártir. Como afirma Soares, na mesma reportagem, “Seguidores de Santa Bárbara e Yansã aproveitaram a festa para pagar promessas, distribuindo fitas e acarás pelo caminho” (SOARES, 2011, p.1). Ou seja, a distribuição acontece em diferentes momentos e espaços, inclusive durante a comunhão, sem que esse ato seja proposital e/ou articulado por nenhuma instituição.

Numa festa religiosa na qual elementos de diferentes crenças estão presentes, sem se misturarem, é preciso ressaltar que há uma complementação religiosa. O pão (em forma de hóstia) e o acarajé representam os alimentos rituais de duas distintas crenças, respectivamente, catolicismo e religiões de matriz africana. Os fiéis entendem que, para os católicos, a hóstia é o corpo de Cristo e o acarajé, para candomblecistas e umbandistas, é o alimento de Iansã. Eles ocupam momentaneamente o mesmo espaço, estão presentes na liturgia católica, na missa, mas não se misturam, não se sobrepõem nem se confundem. São alimentos rituais que se complementam no momento em que os fiéis homenageiam Santa Bárbara e Iansã. Eles, respectivamente, representam a santa e o orixá.

O novo arcebispo, em suas falas, demonstrou respeito às diferenças. Diante da repercussão da festa de Santa Bárbara nos jornais de Salvador, dom Murilo Krieger foi entrevistado para dar a sua versão dos fatos. O arcebispo, então, avaliou que, apesar da

festa ter características de outras crenças, como do candomblé, isso em nada influencia na fé dos devotos e afirmou que “É importante buscarmos entender as diferenças. Isso se chama tolerância. Além do mais, o que realmente importa é a demonstração de fé que vimos aqui” (SECULTBA, 2011, p.1). Porém, essa entrevista não foi suficiente para diminuir a inquietação na imprensa.

No dia seguinte, a Arquidiocese enviou uma nota à imprensa com o fim de desfazer os mal entendidos, na qual “[...] lamenta[va] profundamente a falta de conhecimento ou má fé de alguns veículos de comunicação presentes na cobertura da Missa de Santa Bárbara”. A nota, divulgada por vários sites de notícias e jornais, inclusive pelo *terramagazine*, afirmava que a “postura jornalística” que não levava em consideração a verdade dos fatos e a compreensão da fé e da cultura dos baianos, “apenas prejudica os caminhos de diálogo respeitoso, de abertura nas diferenças e de fidelidade à fé vivida pela Igreja e pelas religiões de matriz africana” (NOTA..., 2011, p.1). Terminava afirmando que

A Missa presidida por Dom Murilo Sebastião Krieger, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, seguiu rigorosamente os ritos católicos, usando elementos da cultura africana como os ritmos e cores. Em momento algum foi utilizado algum desses elementos numa dimensão religiosa ou sincrética (NOTA..., 2011, p.1).

Distribuir os acarajés de Iansã durante a missa de Santa Bárbara não significa sincretismo porque esse pressupõe a fusão de elementos no contato entre culturas e religiões diferentes. Dessa forma, haveria a mistura entre as características de uma santa católica e um orixá africano (BURKE, 2006, p. 51). O problema é que nas análises dessas misturas, salientam-se os prováveis responsáveis pelo processo. No caso brasileiro, o catolicismo era até o império a religião oficial e comumente se diz que a população escrava africana misturava os santos católicos com os deuses africanos. Ou seja, procura-se um culpado pela associação de características de santos e deuses africanos. E a culpa recai sobre os africanos. Assim, a fusão se deu pela adequação das práticas religiosas dos dominados à religião dominante. Porém, devemos levar em conta que não há pureza religiosa. As fusões se dão com os encontros de diferentes povos, culturas e religiões.

Diante das discussões sobre sincretismo e a rejeição do conceito por grande parte dos estudiosos da História Cultural e da História e das Religiões e Religiosidades no século XX, poderíamos chamar a festa aqui analisada de híbrida. Burke (2006) identifica nas culturas artefatos e práticas híbridas e defende que eles aparecem misturados na

religião, arquitetura, música, imagem, linguagem, esportes e festas. No sincretismo identifica-se a mistura de elementos de duas culturas ou crenças diferentes numa determinada época. Temos, por exemplo, no Brasil colonial, a mescla de elementos e práticas dos católicos (brancos e colonizadores) e das crenças africanas (escravos). O hibridismo é mais amplo, uma vez que, “[...] devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos...” (Burke, 2006, p.31).

Dessa forma, podemos analisar a Festa de Santa Bárbara na qualidade de festividade híbrida, como resultado de múltiplos encontros, elementos e práticas. No século XVII, no Mercado de Santa Bárbara, em Salvador, aconteceu o encontro do catolicismo com crenças africanas, especialmente as expressões nagôs, tendo o orixá Iansã como principal referência. Porém, no século XX, principalmente a partir da institucionalização da umbanda, múltiplos elementos e entidades foram adicionados e representados. Aqui me refiro aos pequenos altares que são montados em frente à Igreja do Rosário dos Pretos e nas ruas do Pelourinho, nos quais aparecem imagens de caboclos (índigenas e/ou boiadeiros), preto(a)s velho(a)s, claras referências aos cultos de Caboclo e à umbanda.

Entretanto, o hibridismo, como resultado de múltiplos elementos, leva a concepção de mistura. Creio que objetos rituais e práticas de diferentes religiões estão juntos na festa de Santa Bárbara, mas não se misturam. Portanto, o conceito de complementação de crenças me parece mais apropriado, uma vez que os elementos de diferentes crenças se apresentam no mesmo espaço e tempo festivo, mas não se mesclam, são complementares e não hierarquizados no que se refere a fé dos devotos. Estes conhecem as características das homenageadas, as imagens, símbolos, representações e alimentos rituais de cada grupo religioso, mas não estão preocupados em misturá-los, separá-los ou estabelecer quais os mais importantes. Simplesmente, os diversos elementos se complementam.

Burke (2006), ao analisar os encontros entre missionários e convertidos que culminaram em processos de conversão, discute o conceito de acomodação. O termo foi usado por Cícero na Roma antiga, por religiosos na Idade Média, pelos missionários cristãos (principalmente jesuítas) no século XVI, e retomado recentemente por estudiosos das religiões, em substituição aos conceitos de aculturação (que implica em modificação completa) e sincretismo (que sugere mistura deliberada). O autor conclui que a acomodação inclui os dois grupos envolvidos, pois tanto os missionários acomodam o cristianismo à religião local, como os convertidos absorvem aspectos da nova religião sem abandonar as suas práticas tradicionais. “Pelo contrário, eles encaravam o novo sistema

de crença como complementar ao tradicional” (BURKE, 2006, p. 47). Dessa forma, houve acréscimo e não substituição ou fusão. Assim, a Festa de Santa Bárbara para os devotos, adeptos do catolicismo, candomblé, umbanda e culto de Caboclo, possui uma complementação de crenças. É um acréscimo de elementos, sem mistura deliberada, substituição ou hierarquização.

Dom Murilo Krieger, por meio de entrevista e nota da Arquidiocese da Bahia, enfatizou que não houve sincretismo, apenas utilização de elementos da cultura africana. E apelou para a necessidade de diálogo e tolerância. Ao afirmar que a missa foi celebrada dentro dos ritos católicos, apenas “usando elementos da cultura africana como os ritmos e as cores” (NOTA..., 2011, p.1) chama a atenção para os elementos complementares negociados entre o clero e os leigos. Missas com cânticos ao som dos tambores são celebrados na Bahia desde a década 1970. A nota da Arquidiocese não faz referência ao acarajé, cerne da polêmica. Porém, tudo leva a crer que não havia necessidade de explicação, afinal, ele aparece como alimento fruto do trabalho ofertado. É comum, durante a missa, no momento do ofertório, se oferecer pão, vinho e outros alimentos produzidos nas paróquias, no local ou região da igreja. Assim, de acordo com a Igreja Católica, o bolinho, cuja produção e comercialização acontece em Salvador, pode ser ofertado e acolhido no altar.

É claro que os devotos de Santa Bárbara e Iansã têm outra interpretação da oferta dos acarajés, seja na liturgia católica, durante o ofertório ou comunhão. Nessa leitura, o acarajé não é apenas fruto do trabalho de mulheres e homens que o comercializam nas ruas e praças de Salvador, é o alimento ritual oferecido nos terreiros em dia de festa de Xangô ou Iansã. No momento da festa, quando os tambores tocam para Iansã e ela se encontra incorporada no salão, traz na cabeça uma bacia de cobre ou uma cesta contendo acarajés. Ela dança com passos como se esparramasse o vento, ouve as saudações de Eparrei, Oiá! Eparrei, Iansã! E retribui o agrado dos seus filhos lhes oferecendo acarajé. Os fiéis sabem que podem comer, passar no corpo ou guardar aquele alimento ritual para limpeza e purificação. No dia da Festa de Santa Bárbara, o momento da distribuição dos acarajés é uma escolha das baianas. Mas, é preciso acontecer no espaço e no tempo sagrado, como é o terreiro e o momento em que a própria Iansã, presente por meio do seu cavalo (corpo de sua filha ou filho em transe), oferece seu alimento.

As baianas, enquanto mulheres religiosas, também sacralizam os locais de venda dos seus produtos. Não basta adquirir a licença municipal para estabelecer um ponto comercial em praças e ruas. Na concepção do homem religioso, qualquer espaço de moradia e trabalho deve ser consagrado (ELIADE, 1992). Assim, antes da venda diária dos seus quitutes, as baianas limpam o ponto com água de cheiro (água com infusão de

folhas aromáticas), incenso e colocam sobre o tabuleiro objetos rituais, como representações dos santos e orixás, flores e guias. Na falta dessas condições de sacralidade, a oferta deve ser realizada em um território sacralizado e no tempo sagrado, mesmo que de outra religião. Portanto, não é de se estranhar que as filhas de Oiá ofertem seu alimento ritual nas proximidades do palco/altar católico. E que momento seria mais sublime e sagrado do que aquele em que os católicos recebem e comungam do corpo de Cristo?

Normalmente se diz que o pão é alimento básico, porém, em algumas culturas o seu significado vai além da alimentação. Na Europa, ter pão à mesa significa que, pelo menos naquele instante, não há nada a temer, não há risco de privação, como em períodos de guerra e fome. Portanto, ele é um alimento quase sagrado, que não pode ser desperdiçado e jogado no lixo. Quando o pão está velho serve para pudins e sopas. Na Bahia, o pão “dormido” é reaproveitado em torradas ou vatapá. Muitas igrejas distribuem o pão de Santo Antônio, que deve ser guardado na farinha de mandioca para que não falte alimento à família.

Segundo Jacinto Garcia (2000), a civilização grega formou uma sagrada trindade alimentar em torno do pão, vinho e azeite. Esses produtos eram conhecidos e apreciados na Mesopotâmia e no Egito, mas, Garcia defende que essa trilogia alimentar ganhou dignidade e suas plantas de origem – trigo, videira e oliveira – foram elevadas a categoria sagrada pelos gregos, que deram a cada uma um deus protetor. Dessa forma, Deméter cuidava da agricultura, especialmente dos cereais, como o trigo. Dioniso é o deus do vinho, portanto, a videira o representa. E, apesar de Atena ser deusa da guerra e da arte, uma lenda faz a sua associação com a oliveira. Essas associações também estão presentes na religião romana, na qual Ceres cuida dos cereais, e dentre eles o trigo, Baco se tornou o deus do vinho e Minerva a deusa da oliveira.

A trilogia alimentar sagrada foi adotada pelo cristianismo. O pão e o vinho acompanham a vida de Jesus, fazem parte dos seus principais milagres (a multiplicação dos pães e a transformação da água em vinho) e estavam presentes na sua última ceia. O ato de Jesus benzer o pão e o vinho e distribuí-los entre os apóstolos foi convertido em ato litúrgico, na transubstanciação, por meio da qual, os dois alimentos se transformam no corpo e sangue do filho de Deus e estão presentes na eucaristia.

Apesar de não fazer parte desse sacramento, o azeite é utilizado em muitos atos litúrgicos cristãos. É alimento bem aceito por judeus, cristãos e muçulmanos e a oliveira é símbolo de longevidade, sabedoria, paz, vida e luz para os três grupos religiosos. As lamparinas de azeite iluminavam as noites no Mediterrâneo e na Ásia Menor. O *menorah* (candelabro de sete braços) era aceso pelo azeite. No escudo de Israel, ele aparece ladeado por folhas de oliveira. Os cristãos utilizam o azeite puro ou misturado com

outros óleos e essências (santos óleos) para a unção no batismo, no crisma, dos enfermos e na ordenação sacerdotal. Ou seja, o azeite é óleo fundamental para que os padres ministrem quatro sacramentos: batismo, crisma, unção dos enfermos e ordem. O azeite ainda é utilizado para a consagração dos altares, imagens e objetos litúrgicos (GARCIA, 2000).

Para Michel de Certeau (1996, p. 133), “O pão é o símbolo das durações da vida e do trabalho; é a memória de um maior bem-estar duramente conquistado no decorrer das gerações anteriores. [...] O pão é um *memorial*”. No ofertório da missa, o pão vem acompanhado de uvas e vinho. Ele tem dupla função, representar o fruto do trabalho e, junto com o vinho, a transubstanciação que será realizada a seguir. O pão e o vinho, na liturgia católica, são alimentos rituais que serão transformados no corpo e sangue de Jesus Cristo.

No cotidiano dos baianos, o acarajé também tem dupla finalidade, é o alimento ritual de Xangô e Iansã, que não pode faltar em suas oferendas. É também comercializado nas ruas de Salvador. Muita gente se espanta com essa característica e tem receio de ingerir um alimento consagrado. No entanto, os acarajés vendidos não passam por nenhuma sacralização. Porém, existem diferenças fundamentais na forma de preparo e de servir.

Durante o período colonial brasileiro, as mulheres escravas ou libertas preparavam o acarajé, o colocavam em cestos ou tabuleiros carregados na cabeça, e o vendiam à noite pelas ruas de Salvador. Era uma forma de ter dinheiro para manter a família e também arrecadar fundos para a compra de objetos e indumentária indispensáveis para “fazer o santo”, à iniciação nos terreiros de candomblé. Por isso eram chamadas “negras de ganho” ou, numa concepção atual “baianas de carajé” (IPHAN, 2005, p. 15). O ofício das baianas de acarajé foi registrado como patrimônio cultural imaterial brasileiro no Livro dos Saberes, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 10 de dezembro de 2004.

Entretanto, a distribuição de acarajés durante a missa, apesar de ter ganho as páginas da imprensa e gerado polêmica em 2011, não é o único elemento das religiões afro-brasileiras nos festejos de Santa Bárbara. Diversos ritos e práticas estão presentes. Ainda durante a missa, a forma do padre aspergir água benta nos fiéis também é diferenciada. Para tal ato, o sacerdote utiliza muitos ramos, que são imersos num balde contendo a água sagrada. Não é possível interpretar essa prática apenas pelas circunstâncias de uma missa campal. Em qualquer outra missa, independente do local onde é celebrada e da quantidade de pessoas que se pretende atingir, o padre usa um aspersório. Usar os galhos com folhas para aspergir água benta nos devotos é uma clara referência aos cultos de matriz africana em que a água de cheiro, acrescida de folhas e

flores, que também tem as funções de santificar e purificar os ambientes e os corpos, é guardada na quartinha (vaso de barro ou porcelana) e derramada sobre os lugares que serão sacralizados e os fiéis.

O roteiro da procissão é repleto de referências de outras crenças. A começar pela saída do cortejo. Em primeiro lugar, destacam-se as baianas de acarajé, filhas e mães de santo nas suas indumentárias próprias. Santa Bárbara não sai da igreja sozinha, e sim, acompanhada de muitos outros santos. Como anfitriã e homenageada do dia, é a última a sair. Fazem parte da procissão as imagens de Nossa Senhora da Guia (primeira padroeira do mercado da Baixa dos Sapateiros), São Sebastião, São Lázaro, São Jerônimo, São Cosme e São Damião São Jorge, o arcanjo Miguel e, por vezes, o Senhor do Bonfim. Os andores são carregados por membros da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário.

As ruas do percurso da procissão são ornamentadas em vermelho e branco. Em muitas portas e janelas, os comerciantes improvisam pequenos altares com as imagens de Santa Bárbara, Iansã, algum outro santo de particular devoção, flores vermelhas e brancas e acarajés. É comum, em alguns locais, como na casa do Afoxé Filhos de Gandi na Rua Gregório de Matos, alabês e tambores estarem posicionados para tocarem o ponto de Iansã. Com o ritmo que nos terreiros chamam os orixás, filhos e filhas de santo entram em transe, e Iansã se faz presente para melhor participar das homenagens no dia que também é seu. E assim o orixá se faz presente na procissão, tornando mais tênue a fronteira entre os sagrados do catolicismo, do candomblé e da umbanda.

É com muito barulho, música católica e o toque da sirene, que a procissão chega à casa do 1º Batalhão do Corpo de Bombeiros. As imagens e os devotos entram. De cima da escada magister, o capelão faz uma pequena celebração em honra da padroeira da corporação, finalizada com a mangueira molhando os fiéis com água benta, entre inúmeras saudações de Viva Santa Bárbara! Eparrei, Iansã! No pátio é montado um barracão coberto de palhas e um pequeno altar para abrigar imagens de Santa Bárbara. Pelo menos aos pés de uma delas, a maior, é colocado um prato de caruru, alimento de Iansã. Também são colocadas tigelas com água de cheiro que os fiéis aspergem na cabeça, como purificação. Nesse espaço também é distribuído caruru.

Porém, esse não é o fim da procissão. O cortejo segue pela Rua J. J. Seabra até o Mercado de Santa Bárbara. A santa é recebida com saudações e alegria. Depois de percorrer o mercado, o préstito segue em direção a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. É o final das homenagens religiosas a Santa Bárbara e Iansã, as senhoras do fogo, do vento, dos relâmpagos e trovões e dos mercados de Salvador.

O Largo do Pelourinho e a Baixa dos Sapateiros continuam em festa.

Após as manifestações dos fiéis, por meio de oração, promessas e sacrifícios, o público que continuou no Centro Histórico iniciou os festejos com muita música e cerveja. O palco armado pelo CCPI [Centro de Culturas Populares e Identitárias], que pela manhã foi utilizado como altar, à tarde deu espaço para atrações como Jorginho Comancheiro, Afoxé Kori Nagô, Banda Didá, Ara Ketu e Ilê Aiyê, no Largo do Pelourinho; A Banda Mulherada e Bankoma no Largo Tereza Batista; Gal do Beco e Neto Balla, no Largo Pedro Archanjo e Aloísio Menezes, no Largo Quincas Berro d'Água. Durante a programação, várias atrações artísticas também se apresentaram de forma itinerante, como Swing do Pelô, Meninos do Pelô, Tambores e Cores, Filhos de Gandhi, Bandão Jurema e Bandão Status (SECULTBA, 2011, p.1).

Assim, após o meio dia, terminadas a missa e a procissão, quando Santa Bárbara já voltou para seu altar lateral da Igreja do Rosário dos Pretos, não é o fim da festa, e sim, a continuidade dos festejos no Largo do Pelourinho, nas ruas da Baixa dos Sapateiros e no mercado. Parte dos devotos voltam para suas casas e atividades cotidianas, outros aproveitam os shows para beber, dançar, se entregar à diversão e vivenciar suas crenças nas tênues fronteiras entre o sagrado e o profano, entre as práticas sagradas de diferentes grupos religiosos, sem a preocupação de promover nenhuma separação, apenas complementar suas crenças com diversos elementos. Costumam deixar a polêmica para os pesquisadores, jornalistas e líderes religiosos. Fica apenas a esperança de que no ano seguinte os ritos se realizem e que os mitos se reatualizem. E, o que é mais importante, que Santa Bárbara e Iansã, as senhoras dos ventos, raios e trovões, continuam a protegê-los das tempestades da vida.

Fontes:

ARQUIDIOCESE de São Salvador da Bahia. Arcebispo. Disponível: http://arquidiocesessalvador.org.br/site/?page_id=289, acesso em 09/02/2017.

DIA de Santa Bárbara. *A Tarde*, Salvador, p. 2, 04 dez. 1950.

D. MURILO ESCLARECE QUE MISSA PARA SANTA BÁRBARA SEGUIU RITO CATÓLICO. *BahiaJá*, 05 dez. 2011. Disponível:

<http://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2011/12/05/d-murilo-esclarece-que-missa-para-santa-barbara-seguiu-rito-catolico,431>, acesso em 06/02/2017.

FESTAS religiosas: N. S. da Guia e Santa Bárbara. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 2, 03 dez. 1912.

NOTA da Arquidiocese de São Salvador da Bahia sobre matérias referentes à Festa de Santa Bárbara. *Terramagazine*, 06 dez. 2011. Disponível:

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5506088-EI6578,00->

[Arquidiocese+diz+que+seguiu+ritos+catolicos+e+nao+do+Candomble+no+Pelourinho.html](http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5506088-EI6578,00-Arquidiocese+diz+que+seguiu+ritos+catolicos+e+nao+do+Candomble+no+Pelourinho.html), acesso em 06/02/2017.

SECULTBA. Festa de Santa Bárbara encheu o Centro Histórico de emoção e fé. Salvador: Secretaria de Turismo, 05 dez. 2011. Disponível:

<http://www.cultura.ba.gov.br/2011/12/3565/Festa-de-Santa-Barbara-encheu-o-Centro-Historico-de-emocao-e-fe.html>, acesso em 06/02/2017.

SOARES, Maria Olívia. Arcebispo da Bahia faz missa com hóstia, acarajés e atabaques. *Terramagazine*, 05 dez. 2011. Disponível:

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5503203-EI6578,00->

[Arcebispo+da+Bahia+faz+missa+com+hostia+acaraje+e+atabaques.html](http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5503203-EI6578,00-Arcebispo+da+Bahia+faz+missa+com+hostia+acaraje+e+atabaques.html), acesso em 06/02/2017.

Referências bibliográficas:

BURKE, Peter. *Híbridismo cultural*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAIOL, Pierre. *A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

COUTO, Edilece Souza. Bárbara e Iansã, as donas dos mercados de Salvador. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja (Orgs). *Estudos da Festa*. Salvador: Edufba, Coleção Cult, 2012.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*. Salvador: EDUFBA, 2010.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo – SP: Martins Fontes, 1992.

FARIAS, Sara Oliveira. *Irmãos de cor, de caridade e de crença: a Irmandade do Rosário do Pelourinho na Bahia do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Federal da Bahia, 1997. Disponível: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2014/07/Irm%C3%A3os-de-cor-de-caridade-final.pdf>, acesso em 17/02/2017.

FÉLIX, Anísio. *Bahia pra começo de conversa*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1982.

GARCIA, L. Jacinto. *Comer como Deus manda*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

IPHAN. *Dossiê Ofício das Baianas de Acarajé*. Brasília – DF: IPHAN, 2007. Disponível: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_oficio_baianas_acaraje.pdf, acesso em 16/02/2017.

LEHMANN, João Batista. *Na luz perpétua: leituras religiosas dos santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo Christão*. Juiz de Fora: Lar Catholico, 1935.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubanos na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1997.